

**APERFEIÇOAMENTO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA - 9 EF**

**Aluno:**

**Grupo: 02**

**SÉRIE:** 9ª Ano

**BIMESTRE:** 3º

**CICLO:** 2º

**Eixo Bimestral:** Romance

**TUTOR(A):** Liliane Ribeiro

**Tarefa:** Roteiro de Atividades Original (versão final)

**PALAVRAS-CHAVE:** romance; *O Cortiço*; narrador; inferência.

**Texto Gerador 1**

O Texto Gerador I pertence ao gênero textual que será trabalhado ao longo de todo o 3º Bimestre, o romance. Trata-se de um fragmento do capítulo I do livro “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo.

João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro.

Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lha, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade.

Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria. Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta.

João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. Abriu-se com ele, contou-lhe a sua vida de amofinações e dificuldades. “Seu senhor comia-lhe a pele do corpo! Não era brinquedo para uma pobre mulher ter de escarrar pr’ali, todos os meses, vinte mil-réis em dinheiro!” E segredou-lhe então o que tinha juntado para a sua liberdade e acabou pedindo ao vendeiro que lhe guardasse as economias, porque já de certa vez fora roubada por gatunos que lhe entraram na quitanda pelos fundos.

Dáí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais. Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira, quando precisava de dinheiro para qualquer coisa, dava um pulo até à venda e recebia-o das mãos do vendeiro, de “Seu João”, como ela dizia. Seu João debitava metodicamente essas pequenas quantias num caderninho, em cuja capa de papel pardo lia-se, mal escrito e em letras cortadas de jornal: “Ativo e passivo de Bertoleza”.

E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direito a João Romão.

Quando deram fé estavam amigos.

Texto Gerador 2

O texto gerador 2 é uma crônica de Fernando Sabino, que se relaciona com as questões sociais também presentes em O Cortiço.

**Na Escuridão Miserável**

Eram sete horas da noite quando entrei no carro, ali no Jardim Botânico. Senti que alguém me observava enquanto punha o motor em movimento. Voltei-me e dei com uns olhos grandes e parados como os de um bicho, a me espiar através do vidro da janela junto ao meio-fio. Eram de uma negrinha mirrada, raquítica, um fiapo de gente encostado ao poste como um animalzinho, não teria mais que uns sete anos. Inclinei-me sobre o banco, abaixando o vidro:

- O que foi, minha filha? - perguntei, naturalmente, pensando tratar-se de esmola.
- Nada não senhor - respondeu-me, a medo, um fio de voz infantil.
- O que é que você está me olhando aí?
- Nada não senhor - repetiu. - Tou esperando o ônibus...

Onde é que você mora?

- Na Praia do Pinto.
- Vou para aquele lado. Quer uma carona?

Ela vacilou, intimidada. Insisti, abrindo a porta:

- Entra aí, que eu te levo.

Acabou entrando, sentou-se na pontinha do banco, e enquanto o carro ganhava velocidade ia olhando duro para a frente, não ousava fazer o menor movimento. Tentei puxar conversa:

- Como é o seu nome?
- Teresa.
- Quantos anos você tem, Teresa?
- Dez.
- E o que estava fazendo ali, tão longe de casa?
- A casa da minha patroa é ali.
- Patroa? Que patroa?

Pela sua resposta, pude entender que trabalhava na casa de uma família no Jardim Botânico: lavava roupa, varria a casa, servia a mesa. Entrava às sete da manhã, saía às oito da noite.

Hoje saí mais cedo. Foi 'jantarado'.

- Você já jantou?

Não. Eu almocei.

- Você não almoça todo dia?
- Quando tem comida pra levar de casa eu almoço: mamãe faz um embrulho de comida pra mim.
- E quando não tem?

- Quando não tem, não tem - e ela até parecia sorrir, me olhando pela primeira vez. Na penumbra do carro, suas feições de criança, esqueléticas, encardidas de pobreza, podiam ser as de uma velha. Eu não me continha mais de aflição, pensando nos meus filhos bem nutridos - um engasgo na garganta me afogava no que os homens experimentados chamam de sentimentalismo burguês.

- Mas não te dão comida lá? - perguntei, revoltado.
- Quando eu peço eles dão. Mas descontam no ordenado. Mamãe disse pra eu não pedir.
- E quanto é que você ganha?

Diminuí a marcha, assombrado, quase parei o carro! Ela mencionara uma importância ridícula, uma ninharia, não mais que alguns trocados. Meu impulso era voltar, bater na porta da tal mulher e meter-lhe a mão na cara.

- Como é que você foi parar na casa dessa... foi parar nessa casa? - perguntei ainda, enquanto o carro, ao fim de uma rua do Leblon, se aproximava das vielas da Praia do Pinto. Ela disparou a falar:

- Eu estava na feira com mamãe e então a madame pediu para eu carregar as compras. E aí no outro dia pediu a mamãe pra eu trabalhar na casa dela, então mamãe deixou porque mamãe não pode deixar os filhos todos sozinhos e lá em casa é sete meninos fora dois grandes que já são soldados. Pode parar que é aqui moço, obrigado.

Mal detive o carro, ela abriu a porta e saltou, saiu correndo, perdeu-se logo na escuridão miserável da Praia do Pinto...

Vocabulário: **mirrado**: muito magro, definhado; **raquítico**: pouco desenvolvido, franzino;

**jantarado ou ajantarado**: refeição servida depois da hora habitual do almoço para suprimir o jantar; **esquelético**: sujo, desalinhado; **Praia do Pinto**: praia da Lagoa Rodrigo de Freitas, local onde havia uma grande favela, hoje extinta.

- a) Diferencia-se do uso comum do termo romance, pois é uma narrativa fictícia.
- b) Está ligado ao sentido comum do termo romance, pois fala de amor.
- c) Não deveria ser utilizado para este texto, já que romance deveria ser algo mais específico.
- d) Está adequado por tratar, exclusivamente, do relacionamento amoroso de pessoas reais.

**Habilidade trabalhada:** Identificar o sentido especializado do termo “romance” diferenciando-o do uso comum do termo.

**Resposta Comentada:** O aluno deverá responder, como correta, a alternativa “a”, pois o termo romance em “O Cortiço” está relacionado a uma narrativa fictícia e não há ligação com relacionamento amoroso, como é comumente associado.

2. “João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro.” A partir do fragmento retirado do texto I, identifique o foco narrativo e justifique sua resposta.

**Habilidade trabalhada:** Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

**Resposta Comentada:** O aluno deve responder que o foco narrativo é em terceira pessoa, narrador onisciente, pois a partir do fragmento é possível notar que o narrador somente conta os fatos sem participar dele.

### TRECHO REMOVIDO

#### Atividades de Uso da Língua

1. “...o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais **ardor**...”

Assinale a alternativa em que palavra destacada no trecho acima poderia ser substituída sem que haja alteração de sentido:

- a) queimação
- b) ira
- c) intensidade
- d) passividade

**Habilidade trabalhada:** Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto em que são usadas.

**Resposta Comentada:** Esta questão fará com que o educando busque o sentido da palavra dentro do contexto, mesmo que não seja um vocábulo considerado usual. Permite que o aluno compreenda o sentido, a partir da leitura, e perceba que a alternativa “c” (intensidade) é única adequada, pois as demais trariam alteração ao sentido da oração.

TRECHO REMOVIDO

### Atividades de Produção Textual

1. Agora que você leu diferentes textos, é sua vez de criar. Utilizando a temática social, se una ao seu grupo e cada um ficará responsável por criar um capítulo, utilizando a estrutura do romance, para a elaboração de um livro.

Habilidade trabalhada: Produzir coletivamente um texto narrativo cuja estrutura se aproxime à do romance.

Resposta Comentada: Ao receber os textos, uma revisão será necessária para corrigir possíveis deslizos ou incoerências, a partir daí, basta recolher os textos, formatá-los em único padrão e, com o auxílio da turma, montar um livro de romance.

TRECHO REMOVIDO

### REFERÊNCIAS

**Currículo Mínimo.**

<http://www.brasilecola.com/literatura/joaquim-manoel-macedo.htm>

**CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.**

<http://naslinhaseentrelinhasdostextos-cris.blogspot.com.br>

<http://educarparacrescer.abril.com.br/livros-vestibular/download/cortico.pdf>

TRECHO REMOVIDO